

Ponencia presentada a: GT 1 Comunicación Intercultural y Folkcomunicación

Cosas de Negro: el carimbó y estrategias de resistencia cultural e interacciones contemporáneas con los medios.

Coisas de Negro: o carimbó⁶ e estratégias de resistência cultural e interações contemporâneas com as mídias.

The Carimbó: strategies of cultural resistance and contemporary interactions with the media.

Barros, Gisele Alexandria⁷

Silva, Joyce Assunção⁸

Negrão, Keyla Gusmão⁹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo abordar a temática do ritmo paraense, o Carimbó, a partir de um contexto de uma Lei Municipal de Belém, a Lei Pinduca¹⁰, que obriga as rádios da cidade divulgarem o ritmo popular. O objetivo desse trabalho é entender como essa lei atinge as práticas dos carimbozeiros da cidade, especificamente, dos participantes do espaço Cultural Coisas de Negro, um coletivo de cultura e do Carimbó do Distrito de Icoaraci, na Grande Belém. Esse artigo visa construir uma metodologia qualitativa de investigação das relações estratégicas que se estabelecem entre a ação política/Lei Municipal, a cultura popular/resistência cultural e as mídias, em especial o rádio.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias. Carimbó. Folkcomunicação

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo abordar la temática del ritmo paraense, el Carimbó, a partir de un contexto de una Ley Municipal de Belém, la Ley Pinduca, que obliga a las radios de la ciudad a tocar, divulgar el ritmo popular. El objetivo de este trabajo es entender cómo esta ley alcanza las prácticas de los sellos de la ciudad, específicamente, de los participantes del espacio Cultural Coisas de Negro, un colectivo de cultura y del Carimbó del Distrito de Icoaraci, en la Grande Belém. Este artículo busca construir una metodología cualitativa de investigación de las relaciones estratégicas que se establecen entre la acción política / Ley Municipal, la cultura popular y los medios, en especial la radio.

PALABRAS CLAVE: Medios. Carimbó. Folkcomunicación

ABSTRACT: This work aims to address the theme of the Paraense rhythm, the Carimbó, from a context of a Municipal Law of Belém, the Law Pinduca, which obliges the city's radios to play, to spread the popular rhythm. The objective of this work is to understand how this law affects the practices of city stampers, specifically, the participants of the Coisas de Negro Cultural Space, a culture collective and the stamp of the Icoaraci District, in Greater Belém. qualitative investigation of the strategic relations that are established between the political action / Municipal Law, popular culture and the media, especially the radio.

KEYWORDS: Media. Carimbó. Folkcommunication

⁶ O Carimbó é um ritmo musical amazônico e também uma dança de roda de origem indígena típica da região.

⁷ Gisele de Alexandria Barros. Estácio-FAP, iniciação científica da Graduação do Curso de Comunicação-Jornalismo. Brasil, email:gisa.a.b@hotmail.com

⁸ Joyce Assunção da Silva. Estácio-FAP, iniciação científica da Graduação do Curso de Comunicação-Jornalismo, Brasil, email:joyce.assuncao7@gmail.com

⁹ Professora Dra. Keyla de Nazaré Gusmão Negrão, Estácio-FAP-Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Brasil, email:negraokeyla@gmail.com;k.negrao@uol.com.br

¹⁰ Lei nº 9.276, denominada Lei Pinduca, de autoria do vereador Mauro Freitas (PSDC).

1-INTRODUÇÃO:

O propósito deste artigo é compreender a dinâmica do ritmo cultural paraense da região Norte do Brasil, o Carimbó, com as mídias tradicionais, especificamente o rádio. O Carimbó é caracterizado por ser uma cultura popular, com um ritmo dançante e cantos que relatam o cotidiano dos ribeirinhos, no caso, os rios, a pesca, o trabalho na roça e as lendas amazônicas. O ritmo tem aspectos da miscigenação das culturas indígenas, negra e ibérica, que por dois séculos vem resistindo a processos de imposição das formas de economia do capital do mundo moderno. É uma expressão de comunidades tradicionais, prioritariamente orais. Como ponto de partida para esse artigo, observamos a Lei Pinduca. A lei 9.276 visa obrigar as rádios a tocarem ao menos uma canção por turno, diariamente, retirando-se exclusivamente da obrigação, as rádios com programação religiosa.

O artigo tem como objeto de estudo o grupo “Carimbó de Icoaraci”, fruto de um movimento de resistência do Espaço Cultural Coisas de Negro, localizado no Distrito de Icoaraci, que fica 20 km de Belém, capital paraense¹¹. Temos como construção metodológica, para investigar as interações entre cultura popular e comunicação midiática no processo de resistência cultural do Carimbó, um instrumental qualitativo, com procedimentos que valorizem a própria natureza oral do Carimbó, seus sujeitos e práticas, no marco dos estudos da Folkcomunicação e Teorias de interface entre a Comunicação e a Cultura.

1.2 Vila Sorriso: Histórias da Cultura

Derivado da língua indígena Tupi Guarani, o nome Icoaraci tem vários significados “Mãe de todas as águas” e “De frente para o sol”, por ser banhada pelos rios Guajará e Maguari e por causa do pôr do sol, no distrito.

Icoaraci também vivenciou o período da Borracha na Amazônia, conhecido por Belle Époque¹² no qual, trouxe influências arquitetônicas no processo de construção do distrito. As famílias tradicionais com alto poder aquisitivo que moravam em Belém tinham Icoaraci como um lugar para passar férias e momentos de lazer, por este motivo construíram casarões em estilo europeu, bem como, ordens religiosas contribuíram nas edificações.

O Distrito de Icoaraci desenvolveu-se, em termos populacionais e economicamente ao longo dos anos, nesse processo deu origem aos costumes peculiares icoaracienses, dentre eles a cultura de elaboração da cerâmica, que é um objeto de identificação cultural do local e fonte de renda para as famílias que ali residem. Esta arte carrega em si a representação dos povos indígenas Maracá, Tapajós e Marajoara. Icoaraci começa a demonstrar a sua singularidade cultural com a produção da cerâmica e consequentemente proporcionando novas manifestações culturais dentro do distrito, tornando-o, um dos mais importantes centros folclóricos de Belém. A confirmação deste desenvolvimento cultural de Icoaraci se dá com o surgimento de grupos de Carimbó provenientes do interior do Estado, que foram sendo introduzidos na cultura icoaraciense.

1.3 Caminhos do Carimbó: do interior à cidade

Pesquisas realizadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) auxiliaram na produção do Dossiê do Carimbó (2013), destacando a origem do nome do ritmo, que da língua Tupi a palavra Korimbó vem da junção Curi (pau oco) e m’bo (furado, escavado) traduzindo-se “pau que produz som”. No decorrer do tempo a palavra modificou-se passando por: Curimbó, Corimbó e, por fim, Carimbó. Antigamente o Corimbó fazia referência ao instrumento usado pelo tocador para reproduzir o batuque. Porém, agora se utiliza em alusão a expressão rítmica: festa, música e dança. Em relação ao surgimento da expressão cultural, Bogéa apud Gabbay (2015) afirma que é provável que o Carimbó tenha surgido simultaneamente em diferentes territórios paraenses, então isolados entre si, nas regiões do Salgado, do Tapajós e do Marajó. Durante o processo de construção cultural do Carimbó, o Dossiê do Iphan (2013), apresenta informações acerca das influências culturais de índios, negros e europeus:

¹¹ A primeira capital da região norte do Brasil, Santa Maria de Belém do Grão Pará¹¹, conhecida como Belém do Pará, foi fundada 12 de janeiro de 1616. A cidade é localizada a beira do rio Guamá e Guajará e que iniciou a sua urbanização pelo bairro, que hoje conhecemos, por Cidade Velha. Este guarda todo o processo histórico de Belém.

¹²A Belle Époque (Bela Época) iniciou no período de 1870 a 1914 e constituiu-se no crescente desenvolvimento na Europa, bem como, no Brasil, região Amazônica, mais precisamente em Belém e Manaus trazendo a estas cidades influências arquitetônica, de vestuários e costumes europeus.

(...) Influência indígena observada na dança em formato de roda e em alguns instrumentos de percussão como as maracas. No batuque, na aceleração do ritmo e no 'molejo' da dança estaria a contribuição do negro. E, por fim, na dança em pares ou mesmo individualmente com gestos, palmas e estalar dos dedos, além dos padrões melódicos, estaria a influência ibérica. (DOSSIÊ IPHAN. Belém, 2013)

O Carimbó chegou à Belém pelas águas da Baía de Guajará trazida pelos pescadores. Era muito difícil ver na cidade apresentações de grupos de Carimbó, só em situações especiais. Foi o caso de 1958, quando Comissão Regional de Folclore do estado fez uma programação de despedida do ex-cônsul dos EUA no Pará, Mr. George Colman, e dentro da programação estava o grupo "Flor da Cidade" advindo da cidade de Marapanim. Uma das primeiras apresentações realizadas na capital¹³.

Percebe-se, através das pesquisas de Leão, que o Carimbó começa a ser introduzido em passos curtos para a população da capital paraense, em ocasiões especiais, como citado anteriormente, a despedida de autoridade estrangeira. No início da década de 70, na cidade de Belém o cantor e compositor Pinduca que tocava nos bailes de elite e periferia da época, tentou mostrar o ritmo em umas das festas, e ao tocar foi vaiado. Mas ele insistiu em outros bailes e aos poucos os jovens da cidade começaram a aceitar, porém, foram feitas algumas modificações acerca dos instrumentos. E a partir de 1971, o carimbó começou a se tornar sucesso nas festas da cidade.

1.4 A cena contemporânea do Carimbó: encontros entre cultura popular e mídias de massa

Em Belém, o rádio passou por diversos percursos nas décadas de 40, 50 e 60 com gêneros de radionovelas e programas de auditórios, objetivando manter o seu público que era disputado, na época, da era da televisão e que levou um número significativo de anunciantes, estes a base de permanência como veículo de comunicação radiofônico.¹⁴

O Carimbó foi inserido no cenário da Indústria Cultural a partir de 1971, através, de gravações em *long play*¹⁵ e apresentações televisivas e radiofônicas. O ritmo musical transformou-se em parte obrigatória na agenda musical dos artistas da região, ou seja, da agenda da MPB regional.¹⁶ A divulgação do Carimbó por meio da veiculação em massa, fez com que o ritmo ganhasse maior destaque, e procura. No que diz respeito a esse crescente interesse Leão afirma:

Observa-se que, no caso do Carimbó, só após a sua veiculação massiva nos modernos meios de comunicação de massa é que o interesse por ele se redobrou. Naquele momento, ele deixou de ser visto apenas como manifestação do folclore regional, de interesse de folcloristas e intelectuais e passou a ser discutido pela sociedade como um todo, tanto por aqueles que queriam a sua "modernização", como por aqueles que passavam a defendê-lo de uma suposta "deturpação". Daí surge tanto um Carimbó "folclórico" ou "folclorizado", como um Carimbó "moderno" que usa guitarras, baixos elétricos e baterias modernas e pode ser ouvido em várias partes do Brasil ainda hoje. (LEÃO, 2011: 169)

Apesar da ínfima relação entre Carimbó e mídia, o ritmo ganhou mais popularidade com sua inserção nas rádios nos anos 70, e a partir desse momento, surgem dois grupos com perspectivas diferentes acerca do ritmo. De um lado, estão aqueles que defendem o Carimbó "pau e corda" ou "carimbo de raiz", versão tradicional do ritmo, no qual há exclusão de elementos elétricos, como uso de guitarras, baterias e instrumentos elétricos. Este grupo era formado por folcloristas, intelectuais e por artistas suburbanos mestres de Carimbó, representados pelo Mestre Verequete.

E os que defendem a modernização, o contínuo processo de renovação de identidade, agregam ao ritmo as guitarras, baterias, instrumentos elétricos e elementos caribenhos na estrutura musical, conferindo-lhe a forma de um produto comercial. A personificação dessa inovação está no Pinduca¹⁷, o artista local que mais trabalhou na transformação do ritmo.

¹³Ver dissertação de mestrado "Música do Norte: Intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na informação da "MPB" no Pará (Anos 1960 e 1970), Tony Leão.

¹⁴Artigo apresentado no PORTCOM: O rádio em Belém a caminho do novo século de Luciana Miranda Costa.

¹⁵A expressão resumida de *longplayingrecord* (LP), o disco fonográfico de 33 1/3 rotações por minuto, lançado pela Columbia Records em 1948.

¹⁶Carimbó e Brega: Indústria cultural e tradição na música popular do norte do Brasil, Tony Leão da Costa

¹⁷Músico, intérprete, compositor do Carimbó.

2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

2.1 Espaço Cultural Coisas de Negro: Resistência, luta e identidade

*“As classes populares têm, assim, meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender”*¹⁸ - Luiz Beltrão

O Espaço Cultural Coisas de Negro foi criado há 17 anos, com o objetivo de ser um lugar onde “as camadas populares organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram educação, recreio e estímulo, dão expansão aos seus pendores artísticos e, afinal, fazem presentes à sociedade oficial as aspirações e suas expectativas” (BELTRÃO, 2014), localizado no Distrito de Icoaraci, em Belém.

O Espaço Cultural nasceu da necessidade de se promover e preservar a cultura paraense, mais precisamente, o Carimbó, seu idealizador Raimundo Piedade da Silva – cujo nome artístico é Nego Ray- convidou vários grupos folclóricos para tocar no lugar, aos domingos, e aos poucos desenvolveu-se o grupo do próprio espaço: o “Carimbó de Icoaraci”.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

A Lei nº 9.276/2017¹⁹, denominada Lei Pinduca, propõe-se garantir espaço para o carimbó num meio de comunicação massivo, o rádio. Aqui iniciamos a problematização sobre a promulgação da Lei Pinduca e a interação da proposta com comunidade de carimbozeiros do Estado do Pará, especialmente, a partir do espaço Coisas de Negro. Nesse sentido, como projeto de Lei cria canais de comunicação com o movimento de Carimbó?

3.1 Referenciais Teóricos metodológicos

3.1.1 Carimbó, comunicação e espaços de resistência

Em “Comunicação, poder e democracia” Castro (2015) discute o conceito proposto de espaço público, que se refere às “condições equilibradas e democráticas de diálogo acerca das questões que dizem respeito ao interesse coletivo, sejam elas questões econômicas, políticas, jurídicas, ou de qualquer outra natureza”. Com efeito, o espaço público, como bem destacou o autor, é um espaço de diálogo, ou seja, uma esfera para a realização de discussões de uma temática coletiva social de interesse público.

No que toca nosso objeto, a Lei Municipal n 9.276, no qual, esta obriga a veiculação musical do Carimbó nas rádios de Belém, provocando um debate público comunicacional, movimentando novamente o espaço público. Sobre o tema, mestre Lucas do grupo de carimbó Sancari²⁰, Carimbó de raiz, fala:

(...) é uma lei que não nos representa, (...) que as rádios têm obrigatoriamente tocar Carimbó, ela não está nos representando por que nós não queremos nada obrigado, nós queremos incentivo, agora uma lei que vai obrigar a tocar música de quem? Mestre Guinhão, Mestre Meleco Melentino que está lá no fim de Marapanim, eles tem uma mídia apropriada para tocarem na rádio? Não tem... Então essa lei vai nos representar? Não vai (...). (MESTRE LUCAS. Entrevista, setembro, 2017)

A partir dessa observação, enfatizamos a investigação desse debate, a partir da vivência do Espaço Cultural Coisas de Negro. Como este espaço/sujeitos se relacionam com a lei que obriga a tocar o ritmo regional nas rádios?

¹⁸Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Luiz Beltrão. Versão Eletrônica da 1ª Reimpressão 2014.

¹⁹ Lei nº 9.276, denominada Lei Pinduca, de autoria do vereador Mauro Freitas (PSDC).

²⁰Grupo de Carimbó do bairro Pedreira, em Belém, PA.

4. COISAS DE NEGRO: CARIMBÓ, A HORA E A VEZ DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Para uma melhor compreensão do debate (mídias/carimbó/Lei municipal), nosso trabalho utiliza o instrumental da (etno) metodologia, que consiste em pesquisa qualitativa, exploratória etnobiográfica do grupo o Carimbó de Icoaraci, do Espaço Cultural Coisas de Negro.

Esta pesquisa qualitativa está entrelaçada à proposta do método biográfico proposto por Jacques Léon Marre, que o conceitua, “método biográfico em via de elaboração permite reconstruir, em cada história de vida, a presença de relações básicas e complexas, que dizem respeito às categorias sociedade, grupo e indivíduo, expressas no relato oral” (MARRE, 1991). Assim, através do método de histórias de vida, buscamos apontar um espaço de debate, para entender a relação do grupo Carimbó de Icoaraci, a partir do marco regulatório da Lei Pinduca, que obriga a veiculação do ritmo carimbó nas rádios do município de Belém.

4.1. Lei Pinduca: quem fala do campo político

É necessário que apresentemos em que bases se pautam a Lei Pinduca, que obriga as rádios do município de Belém a tocarem/veicularem a música do ritmo carimbó, para contextualizarmos a ação do campo político, como uma iniciativa frente a demandas da cultura. Seguem um trecho da Lei (que pode ser consultada na íntegra nos anexos):

Art. 1º Fica instituída, no âmbito do Município de Belém, a “Lei Pinduca – Momento do Carimbó” que será realizada com a inserção nos programas das rádios, diariamente, pelo menos uma vez em cada um dos turnos da manhã e da tarde, no horário comercial, de canções e/ou ritmos do “Carimbó”, patrimônio imaterial de Belém, ressaltando-se dessa obrigação as rádios de programação exclusivamente religiosas, com o objetivo de promover nossa cultura e estimular a criação de novas músicas, a partir do espaço aberto nas rádios. (Câmara Municipal de Belém, Lei nº 9.276/17).

4.1.1. Quem fala do Espaço Coisas de Negro

Após, apresentarmos a Lei como motivação de nossa imersão e conversas com membros ativistas dos movimentos populares do carimbó e algumas lideranças comunitárias do cenário de Icoaraci, apresentamos efetivamente uma seleção de pessoas diretamente do grupo Coisas de Negro, e através dos relatos de cada integrante, por meio das histórias de vida, construímos narrativas sobre suas trajetórias e vivências como militantes do carimbó, como um movimento da cultura popular, no Distrito de Icoaraci.

Nós situamos o percurso histórico desse grupo de cultura, que se mantém com sua marca que é a tradição oral/musical. E por meio da Lei municipal, a Lei Pinduca, passa a discutir interações mais precisas, orgânicas com as mídias, especificamente com o rádio. Ou seja, a Lei passa ser um tema comum aos participantes do grupo e da comunidade de carimbozeiros. Esse é um desafio (etno) metodológico, na medida em que buscamos na oralidade uma dimensão subjetiva da história do grupo, como ressalta Jacques Marre (1991) é uma característica do método:

A subjetividade não é um entrave quando suficientemente desvendada, isto é, quando os hieróglifos do seu conteúdo são decifrados. Ela pode conduzir-nos a temas que são comuns a vários indivíduos, as experiências vividas de um modo semelhante. (...) As histórias de vida, mesmo que fossem relatos subjetivos, revelam valores comuns. (MARRE, 1991: 99 p.).

Para tentar obter essa resposta a ideia é articular uma discussão, seguindo as estratégias da metodologia etnobiográfica. Esse caminho consiste em reunir pessoas e coletar “testemunhas, aprofundando a verdade das histórias através de uma avaliação feita pelos membros ali reunidos. São os próprios indivíduos que comentam, negam, reforçam ou tornam mais exatos os detalhes ou os fatos”. (MARRE, 1991)

4.1.2.1 Resultados de nossa pesquisa de campo

Realizamos uma pesquisa qualitativa, exploratória, estabelecendo uma conversa com membros do coletivo de cultura Coisas de Negro e lideranças comunitárias que frequentam a roda de carimbó do grupo. Estivemos no Espaço Cultural em Icoaraci, para alguns encontros para conversa e participação da atividade de roda de carimbó. A partir dessa

interação, chegamos ao ponto de explorar, especificamente, nosso tema, que discute o debate entre as formas de resistência do coletivo de carimbozeiros e as relações com as mídias locais, com ênfase no rádio como meio de massa.

A partir dessa perspectiva, apresentamos fragmentos de histórias narradas pelas personagens, que criam uma crítica cultural com foco nas relações de resistência cultural popular e interações com as mídias. Em sendo esse nosso cenário de análise, apresentamos alguns eixos temáticos de condução dessa conversa:

a) Redes Sociais e Resistência Cultural: o poder simbólico da cultura popular

Os seguintes trechos nos levaram a compreender a relevância de um Espaço Cultural para uma comunidade e para os carimbozeiros, suas redes com a comunidade iocaraciense, visitantes turistas de Belém. Podemos compreender que, a partir do espaço cultural Coisas de Negro são construídas uma rede de comunicação, mas, com suas próprias especificidades, estas, por sua vez se mobilizam em prol dos seus interesses comuns, com descreve Beltrão (2014):

Os grupos acham-se, assim, vinculados a uma ordem semelhante de ideias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade. Sabedoria e experiência, sobrevivência e aperfeiçoamento que só se conseguem mediante a comunicação, o processo mínimo, verbal e gráfico pelo qual os seres humanos intercambiam sentimentos, informações e ideias. (BELTRÃO, 2014: 48 p.)

Dessa perspectiva, os relatos construídos em nossas conversas com carimbozeiros e lideranças comunitárias de Icoaraci nos permitiram reforçar essa perspectiva de redes como uma condição da cultura popular se manter vibrante, resistente enquanto há um espaço que fortalece essa história oralizada do carimbó. Vejamos alguns fragmentos narrados:

a.a) Vozes de dentro do Espaço Cultural

O Coisas de Negro existe há 25 anos, no dia 19 de janeiro de 2000, a gente começou um movimento aqui denominado Roda de carimbó, isso há 17 anos atrás, até então essas rodas de carimbó elas aconteciam assim no período da quadra junina, coisa para turista ver. Com essa ideia de fazer roda de carimbó aqui no Distrito, aqui no Coisas de Negro, aí acabou que as pessoas começaram a frequentar também, e a gente percebeu que existia uma carência assim dos grupos de estarem no mesmo local, existia principalmente nos grupos parafolclóricos eles tinham certa rivalidade entre eles, coisa que não se via está no mesmo local vários grupos, então o Coisas de Negro serviu para **aglutinar esses grupos**, hoje em dia a gente vê várias pessoas de vários grupos aqui no Coisas de Negro, não só aqui, mas também em outros locais que começaram a surgir, a partir da nossa ideia o Coisas de Negro tem esse referencial de juntar grupos, pessoas que tenham o propósito de manifestar a cultura popular. (Entrevista Nego Ray, Raimundo Piedade da Silva. Percussionista do carimbó de Icoaraci, membro do espaço Cultural Coisas de Negro. Icoaraci/Belém, outubro de 2017.)

a.b) Vozes da comunidade

A melhor definição que eu tenho pro **Coisas de Negro, é um espaço de resistência**. Que ao longo de sua história ele oportuniza a apresentação, a circulação, a formação, debates e difusão da nossa cultura regional. **Principalmente as questões ligadas ao nosso carimbó.**

O Coisas de Negro ele dá oportunidade pra esses grupos de carimbó, tanto do interior quanto da capital se apresentarem, de manterem essa nossa tradição essa parte tão importante da nossa cultura. Porque são pouquíssimos espaços que dão oportunidade pra esses grupos se apresentarem, que são voltados, especificamente, pro carimbo. (Entrevista Tayanne Cid. Professora de Artes Visuais na Escola Liceu de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, membro do Espaço Cultural Coisas de Negro. Icoaraci/Belém, novembro de 2017.)

b) Carimbó na mídia, resistência cultural e espaço público: Que lei é essa?

Foi percebido junto às ênfases das histórias dos carimbozeiros a ausência por parte do poder público representado pela Câmara Municipal de Belém de construção de fóruns, espaços de consulta ou conversação acerca das questões relacionadas aos grupos de carimbozeiros do Estado do Pará e a pauta da Lei Pinduca. Desta forma que, as

histórias de vida contadas pelo público e membros do Coisas de Negro assinalam que sem diálogo, consequentemente, não há um caminho comum em relação a aplicabilidade da Lei que reforce a ideia de espaço das políticas para a cultura como uma construção pública. Vejamos:

b.a) Vozes de dentro do Espaço Cultural

Deveriam ter feito uma consulta de âmbito bem abrangente, por exemplo, os grupos do interior do Estado são tantos que têm. Só lá na região de Marapanim são mais de 50, e esses grupos nem se quer foram mencionados, se estavam de acordo em fazer uma lei e colocar o nome nessa lei da pessoa. Então, eu acredito que nesse sentido houve uma falha em não fazer uma consulta pública, já que é um bem da cultura brasileira né, e o estado todo devia opinar.

(Entrevista Nego Ray, Raimundo Piedade da Silva. Percussionista do Carimbó de Icoaraci, membro do espaço Cultural Coisas de Negro. Icoaraci/Belém, outubro de 2017.)

Se as músicas tocadas realmente alcançar os mestres de lá Marapanim, os mestres de Curuçá, as pessoas que estão embrenhadas na tradicionalidade na execução do carimbó mais rústico, acho que sim é benéfico. Porque aquele artista também quer aparecer quer ter voz...acho que ele precisa ter uma divulgação do seu trabalho por fazer muito tempo. Tem mestre que tem 70... 80 anos e nunca teve uma participação na rádio. (Entrevista Esquilo, Silvio Barbosa, Flautista do grupo Carimbó de Icoaraci, e membro do Espaço Cultural Coisas de Negro. Icoaraci/Belém, novembro de 2017.)

b.b) Vozes da comunidade

Nós já vínhamos discutindo esta questão de jornais, e rádio e televisão a necessidade disso todos os nossos eventos as conferências municipais e estaduais de cultura, não haveria necessidade de se criar uma lei, e na verdade, uma obrigatoriedade de cada veículo de comunicação veicular sem que se criasse uma lei obrigatória. Pode ter sido importante, mas as leis nem sempre são respeitadas, infelizmente.

Ela seria muito representativa se todos tivessem feito parte desse contexto.

(Entrevista Nazaré do Ó Ribeiro, Maria de Nazaré do Ó Ribeiro, Compositora do grupo de Carimbó Águia Negra, membro do espaço Cultural Coisas de Negro. Icoaraci/Belém, outubro de 2017.)

Então, eu acredito que essa lei ela deve ser melhor explicada para o povo, principalmente pras pessoas ali envolvidas com a cultura regional. Será que eles vão ter benefícios reais? Será que eles foram ouvidos quando essa lei foi criada ela foi proposta? (Entrevista Tayanne Cid. Professora de Artes Visuais na Escola Liceu de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, membro do espaço Cultural Coisas de Negro. Icoaraci/Belém, novembro de 2017.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma dimensão da Folkcomunicação: Coisas de Negro, resistência e poder simbólico de comunicação da cultura popular

Percebemos que os integrantes do “Coisas de Negro” afirmam o espaço cultural como um lugar, onde a cultura popular promove os encontros, as trocas de informação comunitária, debates entre membros do movimento de carimbó, e isso se traduz em resistência. Por meio do Espaço cultural e no espaço cultural, grupos que antes eram dispersos na Vila de Icoaraci passaram a reunir-se e promover a cultura um lugar de vivência com a cultura regional, para o cidadão icoraciense e de toda Belém.

No que diz respeito à formação cultural que capacita à comunidade para se apropriar do carimbó, o espaço Coisas de Negro realiza oficinas e palestras nas quais se valoriza a produção de instrumentos da música popular, como corimbó e o banjo, bem como, e principalmente, há muitas conversações sobre a história do carimbó.

No Espaço Cultural também acontecem as reuniões entre os integrantes, para comunicar a agenda cultural e eventos a serem realizados. Acerca dessa realidade Eliane Mergulhões (2008) argumenta que “esses grupos, por motivo de manutenção e sobrevivência, necessitam necessariamente se comunicar, para manter seus interesses.” A partir dessa dinâmica do espaço com a comunidade é perceptível o interesse do coletivo em manter, difundir e tornar notório a cultura regional. Sobre todo esse processo, a dinâmica da comunicação como ação de movimentos da cultura popular, a Folkcomunicação, Luiz Beltrão discorre:

É através desses veículos e agentes que as camadas populares organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram educação, recreio e estímulo, dão expansão aos seus pendores artísticos e, afinal, fazem presentes à sociedade oficial as aspirações e suas expectativas. (BELTRÃO, 2014: 116 p.).

A partir dessa perspectiva de Luiz Beltrão, entendemos o Espaço Cultural Coisas de Negro como um local propício à manifestação de diversos saberes (história, música, danças, conversas, etc) que estão interligados pelo carimbó através de uma tradição oral e popular como vocação dos movimentos da Vila de Icoaraci.

Ao longo desses dezessete anos de existência o espaço vem proporcionando à comunidade icoaraciense um lugar para troca de conhecimentos, ideias, e experiências, se tornando um espaço notório e de referência no distrito de Icoaraci como espaço de produção de cultura, sendo visitado por pessoas de outras regiões do Brasil e também de outros países, estabelecendo assim um intercâmbio cultural, entre o global, o regional e o local, numa dinâmica da própria cultura contemporânea.

Esse modo de compartilhamento de vivências é caracterizado pela autora Samantha Viana apud Beltrão (2009), como Folkcomunicação que é o “processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

Partindo dessa perspectiva teórica, a Folkcomunicação como um processo de manifestação da comunicação dos agentes da cultura popular, e nesse caso, também expressa pelas histórias de vida dos carimbozeiros são o fio-da-meada para nossa investigação desses processos num contexto em que esses movimentos se articulam com as mídias, a partir da Lei Pinduca como fato político motivador das interações sociais e comunicacionais.

Por meio deste trabalho, resolvemos fazer uma imersão nessa luta dos carimbozeiros e estabelecer canais de articulação em relação aos grandes veículos de comunicação. No decorrer do trabalho, percebemos, a partir das histórias de vida dos membros e participantes, a relevância do espaço, por seu pioneirismo no movimento denominado roda de carimbó, abrindo o ambiente para trocas de informação, reunião e apresentação de diversos grupos, e dessa forma o local tornou-se um centro de resistência cultural na capital paraense, inspirando a criação de outros espaços culturais.

A lei reflete a exclusão do ritmo como música regional no contexto masivo no próprio município, e a exigência da veiculação traduz isso. Luiz Beltrão (2014) discute sobre este sentido de exclusão:

A despeito da vertiginosa multiplicação das vias de comunicação (...) do alcance obtido pelo rádio, pelo cinema, pelos modernos e poderosos meios de divulgação de notícias, haja em nossos dias maior dificuldade de integração das massas populares nos movimentos ideológicos e políticos que pretendem encaminhar o país a novos rumos, com vistas ao desenvolvimento econômico e social. (BELTRÃO, 2014: 109 p.)

Há reações muito severas em relação às formas de articulação entre política e cultura na cidade de Belém. Os movimentos reivindicam diálogo, aproximação e respeito entre os gestores da cultura e os produtores da cultura. Afinal, esta lei procura beneficiar a quem? Por que os principais envolvidos na manifestação não foram consultados? Questões para um próximo debate.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Versão Eletrônica da 1ª Reimpressão. São Paulo, 2014.
- CALABRE, Lia. **O Rádio dos Anos de 1920 a 1940 Formações de Novas Práticas Cotidianas**. IN: MAUAD, Ana Maria (org.) **História oral e mídia: Memórias em movimento**. São Paulo, 2016
- CASTRO, Fábio Fonseca de. **Comunicação, poder e democracia**. Belém, 2015.
- CARVALHO, Samantha. **Metodologia folkcomunicação: teoria e prática**. IN: DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio (orgs.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, 2009.
- Da COSTA, Tony Leão. **“Carimbó e Brega: Indústria cultural e tradição na música popular do norte do Brasil”**. Belém, 2011.
- _____. **Música Do Norte: Intelectuais, Artistas Populares, Tradição E Modernidade Na Formação Da “Mpb” No Pará (Anos 1960 E 1970)**. Belém, 2008.
- DIAS, Eliana Penha Mergulhão. **“Marcas Folkcomunicacionais na Obra Literária de Luiz Beltrão”**. São Bernardo do Campo, 2008.
- FIGUEIREDO, Sílvia Lima e BOGÉA, Eliana. **“Hibridismo Cultural e Atualização da Cultura: o Carimbó do Brasil”**. Belém, 2015.
- LINS, Consuelo. **O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente**. IN: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.) **Documentário no Brasil – tradição e transformação**. São Paulo, 2004.
- MARRE, Jacques Léon. 1989. **História devida e método Biográfico**. IN: Caderno de Sociologia/Programa de Pós-graduação em Sociologia. Vol 3, nº 3, jan-jul, 1991.
- MELO, José Marques de. **Os caminhos cruzados da comunicação: Política, economia e cultura**. São Paulo, 2010.
- NEVES, Alan Araguaia Campos et al. **Coisas de Negro: raízes na tradição, asa na experimentação**. Belém, 2006.
- PIMENTA, Adriene Suellen Ferreira et al. **O LICEU ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS MESTRE RAIMUNDO CARDOSO E O SABER CERAMISTA (1996-2006)**. Belém, 2011.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura: a experiência cultural na era da informação**. Lisboa, 1993.

Entrevistas:

- Luiza Thomaz, Belém, novembro, 2017.
- Maria de Nazaré do Ó Ribeiro, Belém, outubro de 2017.
- Raimundo Piedade da Silva, Belém, outubro, 2017.
- Tayanne Cid, Belém, novembro, 2017.
- Silvio Barbosa, Belém, novembro, 2017.
- Luizinho Lins, Belém, outubro de 2017.

Sites:

- http://www.belem.pa.gov.br/belemtur/site/?page_id=459. Data de Acesso: 15/09/2017 Horário: 15:43
- <http://g1.globo.com/pa/para/belem-400-anos/noticia/2016/01/veja-como-foi-fundacao-de-belem-em-1616-e-conheca-sua-historia.html> Data de acesso 15/09/2017 Horário: 15:38
- <https://youtu.be/8xzdd4NqRSw> Data de acesso: 16/09/2017 Horário: 10:41
- <http://realidadeurbanas.blogspot.com.br/2011/03/belle-epoque-amazonica.html> Data de acesso: 25/09/2017 Horário: 16:17
- <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/belle-epoque.htm> Data de acesso: 25/09/2017 Horário: 17:33
- <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/c9c02dfd25a3cbc73f3e43dd75739b2b.pdf> Data de acesso: 10/10/2017 Horário: 18:56
- <http://economia.estadao.com.br/blogs/ethevaldo-siqueira/os-90-anos-da-radio-kdka/> Data de Acesso: 09/10/2017 Horário: 15:38
- <http://www.teclasap.com.br/long-play/> Data de acesso: 3/10/2017 Horário: 11:00
- <http://www.ebc.com.br/cultura/galeria/audios/2012/11/ha-92-anos-entrou-no-ar-a-primeira-radio-comercial-do-mundo> Data de Acesso: 7.10.2017 Horário: 10:04